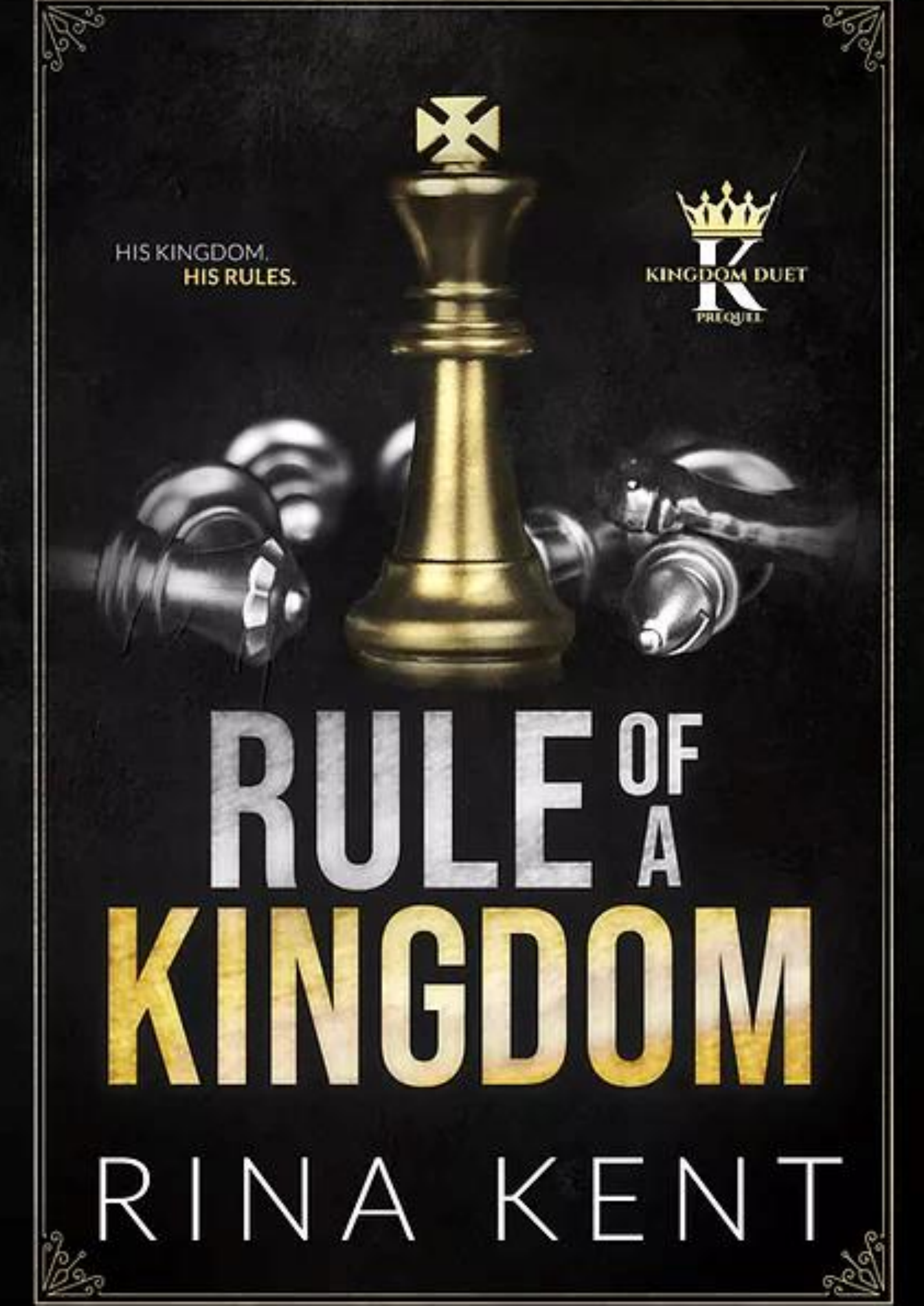

HIS KINGDOM.
HIS RULES.
KINGDOM DUET
PREQUEL
RULE OF A KINGDOM
RINA KENT

SINOPSE

Seu reino. Suas regras.

Meu nome é Jonathan King.

Eles me chamam de implacável, brutal e sem coração.

É tudo verdade.

O poder é meu tabuleiro de xadrez, e as pessoas são meus brinquedos.

Posso parecer um cavalheiro refinado, mas sou o vilão desta história.

Todo mundo que me desafia acaba de joelhos.

Incluindo ela.

PLAYLIST

Trouble – Coldplay
Your Own Funeral – The Striped Bandits
Machine – Imagine Dragons
Never Say Never – The Fray
Castle of Glass – Linkin Park
Numb – Linkin Park
Darkest Part – Red
Evil Got a Hold – Cut One
Mr. Sandman – SYML
Echo – Jason Walker
Inside – Chris Avantgarde & Red Rosamond

Você encontra a *playlist* completa no Spotify.



Para os vilões sedutores.

NOTA DA AUTORA:

Olá, amigo leitor,

Se você não leu meus livros antes, talvez não saiba disso, mas eu escrevo histórias mais sombrias, que podem ser perturbadoras e incômodas. Meus livros e personagens principais não são para os fracos de coração.

Para permanecer fiel aos personagens, o vocabulário, a gramática e a ortografia de *Rule of a Kingdom* são baseados no inglês britânico.

Rule of a Kingdom é uma história curta que antecede um dueto e NÃO é independente.

Dueto do Reino:
#1 O Domínio de um Rei
#2 A Ascensão de uma Rainha

Não se esqueça de se inscrever na Newsletter de Rina Kent para receber notícias sobre lançamentos futuros e um presente exclusivo.

CAPÍTULO 1

JONATHAN

Passado

Aqueles que se curvam após a derrota não sabem agarrar o poder pela garganta.

Eles não sabem como fazer seus inimigos caírem de uma forma que nunca mais possam se levantar.

O poder não é sobre ganhar. É sobre nunca perder. Trata-se de uma vitória após a outra, a ponto de pensar em sofrer uma derrota se tornar uma ideia estranha.

Poder é dar o primeiro lance em um tabuleiro de xadrez para que o oponente sempre siga sua liderança, e não o contrário.

Eu me recosto na cadeira do meu escritório em casa, meus dedos embalando um copo de conhaque. Meu amigo, Ethan, me encara pelo laptop. Seus ombros estão tensos sob seu terno de corte inglês, suas sobrancelhas castanhas se movem sobre os olhos azul-cobalto.

— Bem jogado, Jonathan — ele diz antes de tomar um gole de sua própria bebida.

Eu permito que meus lábios se contorçam em um sorriso.

— Te esmagar é sempre um prazer, Ethan.

— Só porque você ganhou este movimento não significa que me esmagou. Eu vou ganhar no próximo.

— Continue dizendo isso a si mesmo.

Ethan e eu nos conhecemos desde os tempos de universidade. Se você me perguntar como gravitamos um em direção ao outro, eu não seria capaz de identificar o momento exato. Tudo o que sei é que compartilhamos as mesmas tendências, a mesma veia competitiva e até somos atraídos pelo mesmo tipo de mulheres.

É por isso que acabamos casados com nossas respectivas esposas. Ou, no meu caso, é uma das razões.

Meu relacionamento com Ethan começou como uma espécie de camaradagem, uma amizade, já que nos entendíamos bem. No entanto, agora se tornou algum tipo de rivalidade. Nenhum dos dois gosta de perder, e não precisamos de brigas físicas para ter certeza disso.

— Venha para Birmingham. — Ele inclina sua bebida na minha direção. — Estou montando uma mesa de pôquer.

— Passo.

— Você não quer ganhar?

— Só aposto quando posso ter uma vitória certa.

— Quando você se tornou tão chato, Jon?

— Desde que comecei a ganhar de você em seus próprios jogos.

— Vai se foder.

— Onde está seu cãozinho Agnus? — Eu finjo procurar atrás dele. — Hoje é o dia da consulta dele com o veterinário?

Ethan suspira pesadamente e desliza o copo de uísque na mesa com desgosto.

— Pela milésima vez, eu disse para você não o chamar de cachorro ou eu vou parar de ser legal.

É exatamente por isso que eu o faço. Ethan não gosta de ninguém falando mal de seu amigo de infância, Agnus, desde que estávamos na universidade. Ele mal mostra qualquer agitação, a menos que o assunto tenha a ver com sua família ou Agnus.

Um som da porta se abrindo vem de seu lado antes que Agnus apareça carregando uma garotinha com cabelos loiros trançados.

— Papai!

Ethan se levanta e a tira dos braços de Agnus, com um sorriso enorme no rosto.

— Como está a minha princesa hoje?

Elsa, filha de Ethan, sorri e acena com um pacote de chocolate vermelho nas mãos.

— Agnus comprou Maltesers!

— Ele comprou? — Ethan olha para seu homem de confiança antes de se concentrar em sua filha de cinco anos. — Você não devia comer tanto chocolate, ou vai ficar com os dentes podres.

— Deveria ser segredo nosso, Elsa — Agnus sussurra para ela.

— Desculpa — ela sorri. — Não vamos contar ao papai da próxima vez.

— Você vai esconder coisas de mim, princesa? — Ethan faz cócegas na barriga da filha, e ela começa a rir.

Deveríamos falar sobre um projeto que estamos imaginando com os japoneses, mas se a filha dele estiver por perto, ele está fora.

Ele fica bastante sentimental quando se trata da esposa, filhos e Agnus.

Estou prestes a encerrar a teleconferência quando Agnus se coloca na frente da câmera. Suas feições suaves me cumprimentam sem nenhuma expressão. Até seus olhos pálidos estão quase lavados. Eu olho de volta com um sorriso, sabendo o quanto ele se ofende em nome de Ethan sempre que eu arruíno seus planos.

Sem dizer uma palavra, Agnus encerra a ligação, fazendo a tela ficar preta.

Idiota.

Eu continuo olhando para o laptop enquanto tomo outro gole da minha bebida.

A maneira como Ethan lida com sua família é… estranha. Acho que é porque eu não consigo imaginar meus pensamentos girando em torno disso. Não permito que minha família atrapalhe meus negócios. Cada um tem seu próprio tempo e ocasião.

Talvez seja por isso que ele continua perdendo para mim.

Há uma pequena batida na porta que só pode ser de uma criança. Eu olho para o meu relógio — nove, ou seja, já passou da hora de Aiden dormir. Não pode ser Alicia, porque,

pela primeira vez, ela disse que vai tomar os remédios. Sempre que o faz, ela desmaia a noite inteira.

Meu sobrinho, Levi, está viajando com meu irmão, James, para algum lugar exótico na Ásia. Ele queria levar Aiden também, mas eu não permiti. Não confio em James com meu filho. Também não confio nele com seu próprio filho. É por isso que mandei seguranças para ficarem de olho neles de longe, caso James ficasse muito absorto em seu mundo sensorial e perdesse meu sobrinho.

— Entre.

A porta se abre lentamente, Aiden está no limiar, vestindo seu pijama azul simples e olhando para mim, embora haja dúvida em seus olhos cinza-escuro. Eu ensinei isso a ele — nunca olhar para baixo, nunca abaixar o queixo, sempre andar com a cabeça erguida. Ele e Levi são o futuro da família King e não podem ser fracos.

Aiden é uma réplica minha em termos de aparência. Compartilhamos os mesmos olhos, embora os dele sejam maiores, como os de sua mãe. Nosso cabelo preto é semelhante, embora o meu seja mais grosso. Seu tom claro de pele é uma mistura do meu com o de Alicia.

As semelhanças não param por aí, no entanto.

Nós dois estamos em silêncio, mas não estamos calmos. Por trás dessa fachada, um mundo inteiro se esconde — um mundo que mantemos exclusivamente para nós mesmos. Eu tenho uma foto de quando tinha a idade dele e tinha esse mesmo olhar — desconfiado de tudo.

Aiden é bem diferente de Levi. Enquanto o meu sobrinho é constantemente encorajado por seu pai a ser caótico e dizer tudo que vem à cabeça, Aiden prefere não falar a menos que seja absolutamente necessário.

Empurrando para trás minha cadeira, eu o encaro com meu olhar vazio de praxe.

— Você deveria estar na cama.

— Eu não consigo dormir.

— Vá para a cama, feche os olhos, e você vai dormir.

Aiden fica em silêncio por um instante e então sussurra:

— Mamãe canta ou lê para mim quando não consigo dormir.

— Sua mãe está cansada hoje. Ela teve que ir para a cama cedo. Vou ligar para Margot para que ela possa ler para você.

Aiden e Levi gostam da nossa governanta porque ela cozinha a comida favorita deles e os mima de todas as maneiras possíveis.

Ele balança a cabeça.

— Eu não quero a Margot.

— Então o que você quer?

Ele me encara, engole em seco, e embora tenha quase a mesma idade da filha de Ethan, não posso deixar de notar quão solitário ele parece agora comparado a ela.

Meu filho raramente ri ou sorri, mas quando o faz, é com Alicia ou James. Esqueça as risadinhas como as outras crianças dão. Isso é estranho para ele.

— Você pode fazer isso, pai? — Sua voz é tão baixa, que só posso ouvi-lo porque a sala está estranhamente silenciosa.

Aiden não vem até mim quando não consegue dormir. Ele vai para Alicia, James ou Margot.

Esta é a primeira vez.

Eu considero mandá-lo de volta para seu quarto com a governanta, mas o olhar desesperado em seus olhinhos me impede. Eu sei que ele teve muita coragem para vir e perguntar isso, então merece ser recompensado.

Levantando-me, vou para a área do salão.

— Venha aqui.

Um pequeno sorriso roça seus lábios enquanto ele lentamente fecha a porta e acelera o passo em minha direção. Sento-me no sofá em frente ao tabuleiro de xadrez de vidro sobre a mesa. Aiden pula ao meu lado, seus pés balançando no sofá alto, mas mantém alguma distância entre nós.

— Você sabe o que é isso, Aiden?

— Um tabuleiro de guerra.

— Você pode chamar assim. Como você chegou a esse nome?

— Porque você e o tio James vão para a guerra quando se sentam em torno disso.

— Isso é verdade. Que tal eu te ensinar a como vencer uma guerra?

Aiden se aconchega ao meu lado — sua coxa toca a minha — e olha para mim com seus grandes olhos cinza. Eu me vejo no espanto dos seus olhos, e é a melhor maneira de se ver.

— Sim, por favor.

Eu pego uma peça.

— Este é o rei, e você precisa protegê-lo a todo custo.

— Como nosso sobrenome?

— Exatamente. O rei dá um passo em todas as direções.

— Por que apenas um passo?

— Porque vencer guerras exige paciência.

— Mesmo?

Concordo com a cabeça e coloco a peça do rei em suas pequenas mãos. Ele continua olhando para ela, seus olhos dobrando de tamanho, os lábios entreabertos. É sua maneira especial de processar as coisas. Apesar de ser um garoto altamente inteligente, ele ainda está aprendendo a armazenar informações para uso posterior.

Depois de lhe dar algum tempo para estudar o rei, pego outra peça.

— Esta é a rainha, e você também tem que protegê-la.

— Por quê?

— Porque ela pode se mover em todas as direções.

— Isto é muito legal.

— Sim. No entanto, se você pode vencer, você pode sacrificá-la.

Suas sobrancelhas se enrugam.

— Mas o rei não se sentiria solitário?

— Não importa se está sozinho desde que ele vença.

Eu continuo explicando as outras peças, e os olhos cheios de admiração de Aiden seguem cada movimento meu como se estivesse em transe.

Levantando-o, coloco-o no colo, para que possa ter uma visão melhor da partida de mentira que estou montando. Ele sorri para mim, suas pequenas feições se abrindo de alegria.

Eu não sabia que ele podia sorrir assim, e não na frente de Alicia ou James ou Levi, mas na minha frente.

Isso também é uma primeira vez.

Quem diria que meu filho e eu seríamos capazes de nos unir pelo xadrez? Vou ensiná-lo a ser o atacante, a defender não apenas seu nome, mas também a si mesmo e a quem ele ama.

Eu posso não ser o melhor pai lá fora. Não sou tão carinhoso quanto Ethan ou tão bom em expressar emoções, mas tenho um ponto sobre ele.

Não vou adoçar a vida do meu filho. Ele aprenderá desde cedo que precisa ser um lobo para não ser comido por lobos.

Ele será o rei pelo qual todos se ajoelharão.

Esse será o meu legado.

Em algum ponto ao longo do caminho, Aiden adormece em meus braços, seus longos cílios tremulando sobre suas bochechas rechonchudas. Seus lábios estão abertos e seus dedos minúsculos agarram minha camisa como uma rede de proteção.

Eu beijo sua testa.

Aiden crescerá para ser o filho do qual tenho orgulho.

CAPÍTULO 2

JONATHAN

Carrego Aiden em meus braços para o quarto dele. Sua cabeça cai contra o meu peito, e ele ressona baixinho enquanto suas pequenas mãos seguram minha camisa.

Tapetes persa se espalham sob meus pés, e lustres com luzes amarelas tênues iluminam o caminho. Os corredores estão silenciosos, assustadoramente silenciosos. Não é nada parecido com os tempos em que meu avô e meus pais estavam vivos.

Costumávamos manter mais funcionários do que precisávamos, e minha mãe tentou desesperadamente dar vida à mansão.

É inútil reviver os mortos. É melhor reorientar essa energia para criar algo e garantir que nunca pereça. Além disso, o silêncio é bom. Silêncio significa que posso ouvir quando algo dá errado.

Como agora mesmo.

Meus pés param lentamente ao som das cortinas da varanda batendo lá dentro. Margot sabe que não deve deixar nada aberto à noite, então isso só pode significar uma coisa.

Porra.

Segurando Aiden com força, atravesso a distância até a varanda aberta no final do segundo andar. Eu considero deixá-lo em seu quarto, mas isso vai me custar um tempo que não tenho. Também não posso deixá-lo em uma das enormes cadeiras posicionadas perto das paredes, porque não confio que ele ficará seguro.

Meu único filho não deveria correr perigo em minha própria casa, mas o risco de vida que ele sofre não é uma situação que eu possa ignorar. Eu também não posso tirá-lo daqui, já que ele nunca vai me perdoar.

Nem eu poderia me perdoar.

Um som sibilante me atinge primeiro quando estou no limiar da varanda. Então os murmúrios seguem; baixos e assombrados.

Isso deveria ter se tornado normal, considerando que eu testemunhei essas cenas inúmeras vezes antes.

Não se tornou.

Longe disso.

Eu nunca vou me acostumar com minha esposa perdendo a cabeça gradualmente. Ou com o fato de que às vezes nem consigo reconhecê-la.

Como neste momento.

Alicia está de pé no parapeito de pedra da varanda, seus braços frágeis bem abertos enquanto caminha na beirada. Sua camisola branca é fina e chega até os tornozelos. O pano e seus longos fios negros voam atrás dela no vento da noite.

Eu me aproximo dela lentamente, para não a assustar, enquanto ainda protejo Aiden com força. A última coisa que quero é que ele veja a mãe desse jeito. Nós dois tentamos da melhor maneira possível protegê-lo desse lado dela, mas Alicia perde o controle completo durante a noite.

Pode ser a insônia, a depressão, as alucinações ou a neurose. Pode ser tudo isso combinado.

O que é certo é que ela vem piorando ao longo dos anos. Quando a conheci, ela era uma mulher suave e descontraída que detestava os holofotes. Na época, ela perdeu a mãe para o suicídio, e logo depois, sofreu um acidente de carro com os amigos do qual foi a única sobrevivente.

Ambos os incidentes mexeram com sua cabeça, especialmente porque aconteceram perto um do outro. No entanto, Alicia não tinha alucinações. Ela não vagava pelos corredores no meio da noite e depois desabava em lágrimas. Ou talvez ela fizesse isso, mas mantinha um trabalho perfeito para escondê-los.

Alicia sempre foi do tipo que sofria em silêncio, falava com silêncio e expressava sua dor com silêncio. Talvez esse silêncio a tenha sufocado.

Isso definitivamente me sufocou.

Suas palavras inteligíveis ficam mais claras quando estou a uma pequena distância dela. Elas ainda são murmuradas, rápidas, com algumas sílabas saltadas.

— Minha mãe não… eu não sou minha mãe… eu não posso ser minha mãe… mas eu sou… eu sou. Agora, eu vou pagar. Eles estão vindo para mim… ele está vindo para mim e para ela, e agora vai acabar. Eu terei acabado… tudo acabado… tudo… todo mundo… e se Aiden também tiver acabado? Não, não, não… eu vou ser minha mãe… eu tenho que ser minha mãe… por que você fez isso, mãe? Como você poderia fazer isso? Como você vivia consigo mesma? Se eu fizer isso, vai acabar? Me responde… me diz…

É como costuma acontecer. O que ela costuma dizer. Às vezes, ela chora ou soluça dizendo o nome de sua mãe.

Eu tento encontrar o significado por trás de suas palavras, mas o psicólogo me disse que é inútil. Alicia é a única que sabe o que se passa em sua cabeça, e se eu tentar me intrometer, só vai piorar, não melhorar.

Então eu faço a única coisa que eu sei. Suavizando minha voz, eu chamo seu nome.

— Alicia…

Ela congela, seus murmúrios param, mas ela não se vira para me encarar. Então eu a chamo de novo, tornando minha voz tão acolhedora quanto possível.

— Desça, Alicia.

Ela balança a cabeça violentamente, o cabelo balançando sobre os ombros.

— Se você não descer, você vai cair.

— E-eu não posso cair ou ela vai pagar. — Sua voz falha na última palavra.

— Ela?

Aiden se move em meus braços, e eu seguro sua cabeça contra meu ombro para que ele não veja a cena na minha frente. Há uma razão pela qual eu não o deixo mais sem supervisão com Alicia. Eu sempre tenho um dos meus

seguranças com eles, mesmo quando estão dentro de casa. Posso não conseguir largar Alicia, mas não vou arriscar a segurança do meu filho ou do meu sobrinho.

O ressonar suave de Aiden preenche o silêncio, e Alicia se vira lentamente, a cabeça inclinada para o lado. Seu cabelo cobre um de seus olhos escuros que não piscam, seu nariz pequeno e as maçãs do rosto definidas. No escuro, Alicia parece tão pálida quanto sua camisola. Como um fantasma de si mesma.

Sua expressão está distante, quase como se minha esposa estivesse desconectada deste mundo e já alcançando um outro distante.

É só quando seus olhos recaem sobre Aiden que ela pisca duas vezes e as lágrimas brilham em suas pálpebras.

— O-o que ele está fazendo aqui? Ele não deveria estar aqui, Jonathan. O diabo virá buscá-lo.

— Eu vou levá-lo para a cama, ok?

Ela acena várias vezes.

— Ok.

— Agora, desça. — Mantendo uma mão nas costas de Aiden, eu estendo a outra para ela. — Vamos levá-lo para a cama.

Ela olha para minha palma estendida enquanto uma lágrima cai por sua bochecha.

— Eu não tomei minhas pílulas.

— Eu sei.

Se ela tivesse tomado, não estaria vagando pelos malditos corredores no meio da noite. Mas também não posso e não vou forçá-la a tomá-las, mesmo que o psiquiatra me diga que é por causa disso. Antidepressivos a deixam entorpecida, e ela para de prestar atenção em Aiden. Ela para de comer e de falar.

Alicia deixa de existir completamente.

— As pílulas não me deixam sentir nada — ela sussurra.

— Eu sei.

— Eu odeio isso. Eu odeio não sentir. — Ela está chorando agora, as lágrimas molhando suas bochechas e a linha delicada da sua garganta.

— Eu sei.

— Você não me odeia, Jonathan? Você não gostaria de ter uma daquelas mulheres normais?

— Eu nunca te odiei, Alicia. Eu odeio o mundo que transformou você nisso. — Dou mais um passo à frente, resistindo à vontade de puxá-la para baixo. — Agora, desça.

Ela olha para a minha mão, os lábios trêmulos.

— Mas eu me odeio. Eu odeio o que estou fazendo.

— O que você está fazendo?

Lentamente, seus olhos encontram os meus quando ela estende a mão.

— Eu vi o diabo hoje, querido. Acho que ele está vindo atrás de mim.

— Que diabo?

— Vou tomar os comprimidos. — Ela funga, puxando a mão para trás, antes que seus dedos possam tocar os meus. — Acho que odeio mais sentir do que não sentir.

Ignorando minha palma estendida, ela sai do parapeito, seus pés descalços tocando o chão. Ela se aproxima de mim, mas nunca me olha nos olhos. Em vez disso, roça os lábios no cabelo de Aiden.

Ele murmura algo durante o sono, e ela sorri. É estranho — o sorriso dela, claro. Não é apenas de partir o coração, é também como uma extensão de suas lágrimas.

— Proteja-o, Jonathan. — Ela faz uma pausa. — Mesmo de mim, se for preciso.

Estou prestes a abraçá-la, para dizer que ela nunca o machucaria, mas ela passa por mim em direção às escadas.

Solto um longo suspiro quando minha mão cai ao meu lado, sem vida e vazia. Um pressentimento permanece alojado em meu peito enquanto a vejo recuar.

Por que diabos parece o começo do fim?

CAPÍTULO 3

AURORA

Ah, não.

Não, não, não.

De todos os momentos possíveis, ele não podia aparecer agora.

Meu olhar se mantém cativo ao seu, mais escuro e sombrio. Ele nem mesmo pisca ou mostra qualquer reação.

Jonathan está a uma pequena distância, mas poderia muito bem-estar envolvendo suas mãos em volta da minha garganta como se fosse um laço apertado.

Um smoking elegante embeleza seu corpo largo e destaca as longas pernas. É quase como se ele tivesse trinta e tantos anos em vez de quarenta. Sua aparência está tensa, dura e feroz — como tudo nele.

Seu cabelo cor da meia-noite está penteado para trás, revelando uma testa forte e um queixo anguloso que poderia me cortar ao meio se eu chegasse mais perto. Uma ligeira barba por fazer cobre seu rosto, lhe dando uma aparência mais velha, mais dura e intocável.

O rei.

Literalmente.

Figurativamente.

É mais do que seu sobrenome e tudo a respeito do poder que não conhece limites.

A rainha? Esqueça. Ela não faz nada no mundo real. São tipos como Jonathan King que brincam com a economia como se fosse seu tabuleiro de xadrez pessoal.

O Primeiro-Ministro? Esqueça também. Jonathan foi o principal patrocinador de sua campanha, e isso deve explicar tudo sobre quão longe sua influência pode ir. É assustador pensar no que mais ele poderia ter sob controle.

Isso se houver algo que não esteja.

Topar com Jonathan King era um risco que eu corri quando vim ao casamento de seu filho — meu *sobrinho*, que nem sabe que eu existo.

Espero que Jonathan também não. Só nos encontramos uma vez, durante seu casamento com Alicia. Também houve aquele telefonema, mas foi há muito tempo. Certamente ele não se lembra de mim.

Eu me lembro dele, no entanto. Não acho que seja possível apagar as poucas memórias que tenho.

Jonathan tem uma presença que assombra inesperadamente e logo toma conta de tudo ao seu redor. É o bombardeio de um avião.

O som de um trovão.

A erupção de um vulcão.

E isso? Isso não chega nem perto de ser esquecível. Para muitas pessoas, conhecer Jonathan é o ponto alto de suas existências.

No casamento dele, eu era jovem. Tinha sete anos. Ele tinha vinte e quatro. Mas eu me lembro claramente de como ele parecia gigante.

Como um deus.

Eu não conseguia parar de olhar para ele enquanto me escondia atrás do vestido de noiva de Alicia. Eu afundei meus dedinhos no pano e olhei para ele, fazendo-a rir daquele jeito radiante que aquecia meu peito. Ela me disse que eu não precisava me esconder e que ele era da família agora.

Eu me escondi mesmo assim.

Porque ele era um deus, e os deuses têm uma ira tão brutal, que erradicam todos que atravessam seu caminho.

Se Jonathan era gigante, ele agora é uma força a ser considerada. Ele é a fúria, cujo caminho não quero atravessar, não importa o quanto o odeie pelo que fez à Alicia.

Talvez ele tenha se esquecido de mim. É possível, não é? Alicia está morta há onze anos, e eu o conheci há vinte.

Fique calma.

Inspire.

Expire.

Jonathan caminha em minha direção a passos tão fortes, que é quase como se eu pudesse senti-los em meus ossos.

Ele está ao meu lado. Não ao lado de Ethan — ao meu lado.

O desejo de tocar em meu relógio de pulso toma meus pensamentos, mas eu os corto o mais rápido que posso.

Jonathan não está perto de invadir meu espaço pessoal, mas está próximo o suficiente para que eu possa sentir seu cheiro forte e distinto que, por algum motivo tolo, ainda me lembro.

Naquela época, eu não sabia como categorizar seu cheiro, exceto por ser bastante viciante. Agora eu o reconheço como picante e amadeirado. Jonathan tem tudo a ver com poder, até cheiro que exala.

Isso transparece em toda a sua aparência. Os ternos feitos sob medida com abotoaduras de diamante. Os sapatos italianos feitos sob medida. O luxuoso relógio suíço.

Tudo sobre ele diz, mesmo que sem palavras: *Não sou um homem que deva ser contrariado.*

Se alguém tentar, não tenho dúvidas de que ele os esmagará com a sola dos seus sapatos de couro.

— Jonathan. — Ethan cumprimenta com um tom tão desapaixonado, que sinto a agressão sutil por trás do gesto.

— Ethan. — O tenor profundo de sua voz atinge minha pele como um chicote.

Eu aperto a taça de champanhe, e é quando percebo como minha cabeça está inclinada desde que ele parou ao meu lado.

Minha atenção está focada no relógio azul em seu pulso. Relógios são minha especialidade, minha paixão, e geralmente me dão confiança.

Hoje, não.

Hoje sinto que apostei em mim mesma e perdi. Eu me arrisquei, e agora isso está se voltando contra mim.

Se eu apenas tivesse mantido meu contador sob rédeas e verificado tudo o que ele fazia, o sujeito não teria roubado os fundos da empresa e nos feito hastear bandeiras de falência que podiam ser vistas à distância.

Eu confiei nele. Todos nós confiamos.

Somos uma família na H&H. Começamos pequenos e crescemos em alguns anos. Começamos a fazer contratos maiores e recebemos melhores oportunidades de exibição. Estávamos prontos para avançar ao próximo nível, até que Jake estragou tudo.

Então tivemos de implorar por investidores quando sempre pensamos que estávamos acima deles. No entanto, quando descobriram nossos números e que nosso próximo produto era uma aposta, eles recuaram.

O banco se recusou a nos conceder mais empréstimos, considerando o valor que já devemos a eles.

Ethan é meu último recurso antes de ter de reduzir o número de funcionários e, eventualmente, anunciar a falência e matar o sonho que comecei com minhas próprias mãos.

Só esse pensamento me faz perder o sono.

— Quem é a sua acompanhante? — Jonathan pergunta a Ethan com um tom ilegível.

Eu solto um suspiro. Isso significa que ele não me reconheceu, certo?

Ethan sorri, mas está projetando exatamente o oposto do que um sorriso deveria. Em vez de ser acolhedor, é absolutamente ameaçador.

— Não vejo por que isso deveria te interessar.

— Mesmo? — O olhar de Jonathan se volta para mim. Eu sinto sem ter de olhar para cima. E eu não vou olhar para cima. É como assinar meu próprio atestado de óbito.

Ele está me estudando. Na verdade, não. É mais como se estivesse me provando antes de atacar como um predador faminto.

Só que eu não sou sua presa.

Já passou muito tempo desde que jurei nunca mais ser a presa de ninguém.

Já derrubei um predador em minha vida e farei tudo de novo se for preciso. Consequências e pesadelos que se danem.

No entanto, ter Jonathan King como oponente é a última coisa que desejo. Há uma diferença entre ser corajosa e totalmente tola.

Desafiar o rei em seu reino é a última alternativa.

É como os mensageiros enviados por monarcas, que tiveram suas cabeças decepadas e penduradas na entrada da capital para que todos vissem.

— Se você nos der licença — diz Ethan. — Aurora estava me contando algo.

— Aurora — Jonathan reflete. — Mas esse não é o seu nome, é?

Merda.

Porra.

Droga!

Eu me sinto como se estivesse prestes a vomitar minhas tripas enquanto olho para ele. Ele está me olhando com uma expressão fria, quase maníaca, que não revela nada de seus pensamentos. Mas posso sentir isso alto e claro.

Ele sabe.

Ele *lembra*.

Meus dedos tremem ao redor da taça, e preciso me esforçar para colocá-la na mesa sem derramar e fazer papel de boba.

— Você não ouviu a parte em que deveria nos dar licença? — Ethan levanta uma sobrancelha.

— Ouvi. Embora, por acaso, eu não receba ordens. — Jonathan está falando com Ethan, mas toda a sua atenção está voltada para mim.

Impenetrável.

Sem emoção.

Imóvel.

A cada segundo, seu foco se afia, tornando-se mais e mais sombrio. No mínimo, torna-se letal com a intenção de destruição.

Um deus prestes a desencadear sua ira.

Eu preciso sair daqui. *Agora*.

Com um sorriso estampado, me volto para Ethan.

— Vou procurar Agnus. Eu tenho o seu cartão, então se importa se eu ligar para você?

— Eu tenho o seu. Eu te ligo.

— Obrigada. — Eu mal consigo me despedir de Jonathan com um aceno ininteligível enquanto me viro e saio de cena.

Uso tudo em mim para não correr e revelar meu desconforto ou a sensação do quanto fodi com tudo.

Isto não é bom. Não. Pode ser desastroso para tudo o que passei anos construindo enquanto cuidadosamente ficava nas sombras para não ser notada.

Eu estraguei tudo em uma noite.

Assim que chego à área da piscina, evito Aiden, o que não é muito difícil. Ele está dançando lentamente com a noiva, a cabeça dela relaxada em seu ombro enquanto ele apoia o queixo.

Por um segundo, paro e fico olhando para a cena, para quão serenos e felizes os dois parecem. É semelhante ao dia do casamento de Alicia e Jonathan, vinte anos atrás. Embora… Jonathan não dançasse. Eu me pergunto se o tirano sabe dançar.

Eu me puxo para fora do meu estupor e me esgueiro para o estacionamento.

Então eu menti.

Eu não ia encontrar Agnus. Isso significa que eu terei de ficar por aqui, de jeito nenhum passaria um minuto a mais nas proximidades de Jonathan.

Quanto ao meu outro lado do plano? Agora que quebrei o gelo com Ethan, poderemos ter uma reunião em sua

empresa e, com sorte, não terei de ver Jonathan novamente nesta vida.

Ele ficará em seu trono, e eu voltarei para o meu pequeno canto de Londres, no qual ele não concentra sua atenção. Ser um governante significa que ele não se importa em olhar para presenças insignificantes, e é exatamente o que pretendo ser.

Não peço a nenhum dos funcionários para trazer meu carro; em vez disso, acelero o passo em direção ao automóvel, sem olhar para trás.

Se você não olhar para trás, ninguém a encontrará.

Isso é o que se imagina.

Eu balanço a cabeça com aquela voz sinistra ressoando. A voz dele. O diabo que eu conheço.

Meus dedos estão trêmulos quando tiro as chaves da bolsa. Eu aperto o botão nas chaves do carro, fazendo meu Toyota destrancar com um bipe.

No momento em que abro a porta, uma mão aparece ao meu lado e a fecha. Eu vacilo quando o mesmo cheiro forte de madeira que nunca esqueci invade minhas narinas.

O hálito quente de Jonathan deixa meu rosto arrepiado enquanto ele sussurra em um tom baixo, quase ameaçador:

— Há quanto tempo não te vejo, Aurora. Ou devo chamá-la de *Clarissa*?

CAPÍTULO 4
AURORA

Estou presa.

Essa sensação de estar em um lugar confinado sem saída parece retomar algo ocorrido há mais de onze anos.

Eu deveria estar livre.

Mas eu estou? De verdade?

Eu me afasto das garras de Jonathan, e isso me faz ficar com as costas contra a porta fechada do meu carro.

Jonathan se eleva sobre mim como uma grande parede. Calculei mal sua altura. Não sou baixinha, de forma alguma, mas para encontrar seu olhar, tenho de inclinar a cabeça para cima.

Tenho de sair da minha zona de conforto e pagar o preço pelo risco que corri.

Clarissa.

Ele se lembra. Por que ele se lembra de um nome que só ouviu duas vezes na vida?

Alicia não teria falado de mim. Ela veio me ver em segredo e disse que era nosso mundinho particular que ninguém precisava saber. Nós até fizemos isso pelas costas do meu pai enquanto eu crescia.

Tínhamos somente a mesma mãe, que morreu logo depois que nasci, e então Alicia quis cumprir esse papel.

Ela tentou, de qualquer forma.

Mas eu já conhecia o diabo, e não tinha saída. Nada que Alicia pudesse ter feito me salvaria. No mínimo, isso poderia ter acelerado sua morte.

O ponto principal é que Jonathan não deve se preocupar com a minha existência, muito menos lembrar do meu antigo nome.

— Aurora. Meu nome é Aurora Harper agora.

Ele permanece imóvel como uma montanha.

— Vejo que você está rompendo com sua associação a Maxim Griffin.

Imagens sombrias assaltam minha cabeça. Os gritos. As vozes. O ataque da multidão furiosa.

Meu lábio inferior treme, e eu o prendo com meus dentes para o impedir.

— Não faça isso. — Eu coloco a mão em volta da minha cintura e me abraço. A velha cicatriz está bem debaixo das minhas roupas, mas sinto a queimadura como se estivesse sendo feita agora.

— O quê? — ele repete.

— Não diga o nome dele.

— Isso não apaga sua existência.

— Só *não faça isso*. Pare com isso.

— Eu poderia pensar no assunto se você me dissesse uma coisa.

— O quê?

— Onde você esteve, Clarissa? Quero dizer, Aurora.

— Por que eu deveria te contar?

Ele inclina a cabeça para o lado, me observando por alguns segundos sem piscar. Estar sob o escrutínio brutal de Jonathan é como se ajoelhar na corte de um rei esperando para ser julgado.

— Você acha que pode aparecer do nada, em nada menos do que no casamento do meu filho, e fingir que nada aconteceu?

Sim.

Mas agora que ouço com esse tom arrogante, quase condescendente, sinto que estava sendo infantil por pensar dessa forma.

— Vamos fingir que nunca nos conhecemos. — Tento em meu tom suave.

— Eu não finjo. — Ele se aproxima, invadindo propositalmente meu espaço pessoal como se fosse um direito dado por Deus. — Então, que tal você me dizer o que diabos você estava fazendo com Ethan?

— Nada.

— Tente novamente, mas desta vez não minta para mim. Se o fizer, considerarei que está pronta para arcar com as consequências.

Eu poderia mentir para ele e me livrar dessa situação, mas isso só me levaria até certo ponto. Posso não ter visto Jonathan pessoalmente por vinte anos, mas seu nome não pode ser esquecido neste país ou mesmo no cenário internacional dos negócios.

Ele é um investidor. Um comandante. Um *governante*.

Se colocar seus olhos em algo, não há como pará-lo até que ele consiga o que deseja ou destrua a empresa.

Preto ou branco. Não há cinza em seu dicionário.

E por essa razão, preciso cuidadosamente escapar de seu radar tão suavemente quanto estava presa nele. Cruzei as linhas do inimigo por engano, e agora preciso encontrar a saída mais segura.

Eu respiro fundo.

— Negócios.

— Que tipo de negócios?

— Apenas negócios.

— Não me ouviu perguntar que tipo de negócio? Não gosto de precisar repetir, Aurora.

Maldito seja ele e sua maneira autoritária de falar. É como se Jonathan esperasse que todos caíssem aos seus pés com um simples comando.

Posso não querer provocá-lo de propósito, mas não vou ficar de joelhos na sua frente.

Nem agora. Nem nunca.

Eu cansei de ficar ajoelhada a vida toda.

— Não é nada que seja do seu interesse.

— Nada que diga respeito a mim, mas diz respeito a Ethan. Correto?

— Sim.

— Não.

— Não? — Repito com uma confusão que deve estar estampada em meu rosto.

— Você vai encerrar qualquer negócio que tenha com Ethan.

— Por que eu faria isso?

— Porque eu disse isso, selvagem.

Jonathan está brincando comigo? Ele não está. Eu sei que não é do tipo que brinca, mas ele honestamente acredita que eu obedeceria simplesmente porque mandou?

E daí se ele tem poder? Não é absoluto. Nada nem ninguém é.

Eu levanto o queixo.

— E se eu disser não?

— Então faremos do meu jeito. — Um pequeno sorriso surge em seus lábios. Seus lábios são sensuais e bem proporcionais.

E agora estou olhando para seus lábios.

Pare de olhar para os lábios dele.

Eu levanto o olhar para ele, e toda a imagem fica clara. Jonathan nem está sorrindo, e é francamente ameaçador. Este é o olhar de um homem que se prepara para uma batalha.

Um homem tão acostumado à guerra, que a paz o aborrece.

E eu estou no outro lado do campo de batalha, em seu caminho de conquista.

Então, não, não é um sorriso. É uma declaração de algo sinistro e potente.

— Por que você se importaria com os negócios que faço, Jonathan? — Da última vez que verifiquei, ele não era meu guardião.

— Você acha que pode me ignorar em meu próprio território e escolher outra pessoa para fazer negócios? E não qualquer um, mas Ethan. O que você está querendo me dizer com isso? Você está tentando me desafiar?

— Não. — Essa é a última coisa que eu quero.

— Então por que não veio até mim?

— Não gosto de misturar questões familiares com negócios. — E eu o odeio pela maneira como Alicia morreu. Se eu não soubesse que ele iria me dominar, eu o socaria no rosto e aliviaria a tensão que carrego há onze anos.

— A única família que tenho tem o sobrenome King. Você não é minha família, selvagem. Nunca foi. Nunca será.

— O sentimento é mútuo.

— Que bom que concordamos quanto a isso. Agora você vai cortar qualquer contato ou comunicação com Ethan, incluindo Agnus.

— Minha resposta é não.

— Você acabou de me dizer não?

— Sim, Jonathan. Não sei qual é o seu problema, mas você não pode me dizer o que fazer.

Silêncio.

Ele me olha com aquela expressão vazia que, agora tenho certeza, abriga um monstro.

— É mesmo?

Eu mantenho o queixo erguido, sem romper o contato visual.

Jonathan dá um passo à frente. Minhas costas se chocam contra o metal da porta do carro enquanto seu peito quase toca no meu. Minha pele nua formiga, arrepios explodindo na superfície, e não tenho ideia do porquê.

Ele coloca a mão perto da lateral da minha cabeça, lentamente descansando no metal do carro, e agarra meu queixo com a outra mão livre. Minha pulsação ruge em meus ouvidos enquanto ele me prende.

Não há como escapar de Jonathan, mesmo se eu tentasse.

Não que eu vá.

Estou presa por sua presença absoluta e mantida prisioneira pelas profundezas escuras de seus olhos cinzentos.

É como ser pega no olho de um furacão, então tudo o que posso fazer é cair.

Me afogar.

Cair…

Eventualmente desaparecer.

Isso é o que pessoas como Jonathan fazem. Se quiserem, podem fazer com que você desapareça como se nunca tivesse existido.

A sensação de sua pele na minha é como estar queimando de dentro para fora. Ninguém deveria exalar tanto controle quanto ele.

Deveria ser proibido. Ilegal.

— Este é o meu primeiro e último aviso. Não mantenha contato com Ethan. Entendido?

Quero dizer não, gritar, mas é como se minha língua tivesse um nó em si mesma. Estou muito presa pela sua proximidade, em sua presença letal e pela intimidação que ele emprega tão bem.

Não sou o tipo de pessoa que se intimida, mas este é Jonathan.

Ele está em uma categoria especial só dele.

Jonathan toma meu silêncio como aprovação e solta meu queixo. Em vez de sair do meu espaço, vasculha minha bolsa e pega o cartão que aceitei de Ethan.

Antes que eu possa impedi-lo, ele o rasga em quatro e joga para trás. Os pedaços voam com o vento.

Em seguida, ele enfia a mão em sua jaqueta, pega um cartão seu e o desliza no lugar do de Ethan.

— Esta é a única informação de contato que você precisa. Ligue para mim, peça desculpas por me ignorar e, dependendo do meu humor, posso considerar ajudá-la.

Maldito seja. Quem o escroto pensa que é?

Ele dá um passo para trás, todo o contato físico se foi, e eu finalmente respiro direito — ou pelo menos tento. Não parece normal me lembrar de como inspirar e expirar regularmente. Mas se eu não fizer isso, posso interromper completamente minha ingestão de oxigênio.

Seus olhos vagam sobre mim mais uma vez, com uma intensidade sufocante que me tira o fôlego novamente. Eu resisto à vontade de ficar inquieta enquanto seu olhar para no meu rosto.

— E então você vai me dizer onde esteve.

E, com isso, ele se vira e vai embora.

Eu me escoro contra o meu carro, respirando fundo como se tivesse acabado de aprender a fazer isso. O ato está lá, mas o peso me atingindo torna quase impossível me orientar. É a primeira vez em anos que me sinto tão presa e sem saída.

Não prometi a mim mesma que nunca estaria nesta posição novamente?

Quer saber?

Que se foda Jonathan King.

Ninguém me diz o que fazer.

CAPÍTULO 5

JONATHAN

Aurora Harper.

Anteriormente Clarissa Griffin.

Foi assim que eu a perdi — não que estivesse procurando ativamente por ela. Alicia mencionou em seu testamento que desejava que eu cuidasse de Clarissa. Então Clarissa desapareceu da face da Terra.

Ela não devia ter mais de dezesseis anos quando toda a tempestade de merda com Maxim Griffin desabou. Ela era menor de idade, mas desapareceu. Cheguei a perguntar por aí, no Serviço de Pessoas Protegidas do Reino Unido, usei métodos desleais, mas eles também disseram que ela era uma pessoa desaparecida.

É como se ela tivesse desaparecido.

Resignado, não dediquei todo o meu empenho em procurá-la, porque eu não queria um lembrete de Alicia logo após sua morte. Eu precisava seguir em frente, e Clarissa teria atrapalhado esse processo.

Ainda assim, como ela ousa desaparecer e reaparecer sem minha permissão?

Ela acha que isso é um jogo? Que pode fazer o que quiser e ir embora sem pagar o preço?

E Ethan?

Essa é uma jogada ousada pela qual ele será punido. Eventualmente.

Eu entro no carro e encontro meu assistente e braço direito, Harris.

Ele é um daqueles nerds que passou a vida inteira estudando e se tornou um gênio, não só com números, mas também com informações. Ele sabe tudo sobre tudo.

Cumprimentando-me com um pequeno gesto de cabeça, ele se concentra novamente em seu tablet, ajustando os óculos de armação invisível.

— Como está o rascunho? — pergunto.

— Oitenta por cento concluído. Está com a equipe jurídica e estará pronto em duas horas.

— Termine em uma hora diga a eles que comecem a redigir o contrato de fusão adicional.

— É para já. — Ele digita em ritmo acelerado em seu tablet.

— E, Harris?

— Sim, senhor?

— Eu preciso que você procure alguém.

Ele levanta a cabeça de seu tablet para me lançar um olhar interrogativo. As únicas pessoas que procuro são aquelas com quem farei negócios ou cujas empresas assumirei.

Harris não precisa de um lembrete para fazer isso. Ele me encaminha todas as informações relevantes antes mesmo de eu pedir.

A razão por trás de sua reação é minha mudança de padrão. Ele, mais do que ninguém, sabe que sigo rotinas. É o que mantém a ordem e o controle. Isso me permite governar com punho de ferro e sem errar.

O fato de estar quebrando minha própria regra está atrapalhando seus métodos usuais de trabalho. Mas ele não vai perguntar a respeito do motivo. E é isso que mais gosto em Harris. Ele guarda o lixo desnecessário para si e trata apenas dos dados.

— Nome?

— Aurora Harper. Anteriormente Clarissa Griffin. A filha de Maxim Griffin, o Assassino da Fita Adesiva, no norte da Inglaterra. Eu preciso que você me diga tudo o que sabe sobre ela.

Eu tenho uma premonição de que Clarissa vai me desafiar.

Meus lábios se contraem, lutando contra um sorriso.

Já faz muito tempo que alguém se atreveu a me desafiar depois de receber um aviso. Eles geralmente caem de joelhos sem nem mesmo um contato verbal.

Vamos ver como Aurora vai reagir.

Seja qual for o caminho que ela escolher, apenas a trará de volta para mim.

Onde ela deveria ter ficado onze anos atrás.

A história de Jonathan e Aurora continua em:

O Domínio de um Rei



Já disponível em pré-venda na loja da AllBook Editora:

allbookeditora.com.br